

Renato Dornelles superou obstáculos raciais e se tornou destaque no jornalismo, na literatura e na produção de documentários

reportagem cultural



Das páginas policiais para as imagens do cinema

Daniel Rodrigues, especial para o JC

Pela sabedoria ancestral africana, Xangô é o orixá da justiça. Seus filhos de terreiro, assim, nascem para superar complicados obstáculos e vencerem na vida pelo talento e pela perseverança. Com um imaginário Oxé nas mãos, o machado de Xangô símbolo da lei, também não aceitam o destino como algo inalcançável: correm atrás do que acreditam. Mesmo que isso leve tempo. Mesmo que isso demande muito trabalho.

Não por coincidência, o senso de justiça é parte crucial da história deste filho de Xangô com Oxum chamado Renato Dornelles. Jornalista, escritor e cineasta, Renatinho, como é conhecido entre colegas e amigos, aprendeu desde cedo que, como pessoa preta, precisava achar a sua forma de vencer na vida. Percorrendo alguns dos ambientes da sede da Sociedade Floresta Aurora, no Belém Velho, Zona Sul de Porto Alegre - o mais

antigo clube negro do País, com 153 anos, e do qual é sócio e antigo frequentador -, Renato conta que vem de família de muitos músicos, mas nunca aprendeu a tocar instrumento algum. Porém, identificou-se cedo com aquilo que o pai um dia lhe ensinaria quando ainda criança: a escrita.

Nascido há pouco mais de seis décadas em Porto Alegre, no dia 15 de maio, Renato, filho de Hélio Sadi e Neusa Marlene Dornelles, cresceu entre a Cavallhada, na Zona Sul, onde morava com os pais e os quatro irmãos, e a Colônia Africana (atualmente, o bairro Rio Branco), para onde ia regularmente visitar os avós e se abastecer daquela atmosfera quilombola resistente e ao mesmo tempo festiva. Formado pela Pucrs em 1986, e com especialização em Cinema e Linguagem Audiovisual pela Estácio de Sá (2021), este torcedor do Internacional e da escola de samba Bambas da Orgia atuou por 33 anos como repórter, editor e colunista, tendo

recebido cerca de 40 premiações, entre estes sete prêmios ARI e três prêmios Direitos Humanos (MJDH).

Foi esse talento com as palavras que fizeram deste homem negro de baixa estatura, ar sereno e fala agradável, mas determinado e consciente de seu axé, galgar espaço numa sociedade segregadora e pouco inclusiva. Primeiro, no Jornalismo. Depois, na literatura e, enfim, no cinema.

O jornalismo policial, no entanto, foi a porta de entrada. Em 1985, Renato fez parte da primeira turma do ainda não assim intitulado programa Caras Novas, que o grupo de comunicação gaúcho RBS promove para dar espaço a novos talentos. Neste meio tempo, entrou para a Rádio Gaúcha, também do grupo, e, pouco depois, foi chamado para compor o time de reportagem da editoria de Polícia do jornal da empresa, Zero Hora.

Entre uma cobertura e outra, Renato foi colhendo informações sobre o funcionamento do nascent

te crime organizado no Rio Grande do Sul. Este rico material, que se tornaria anos depois o livro *Falange Gaúcha - O Presídio Central e a história do crime organizado no RS*, também lhe serviu de estopim para aquilo que viria a produzir em cinema. O tema da segurança e da criminalidade virariam sua marca. “O Renato é hoje o jornalista brasileiro que mais mergulhou na realidade dos presídios, das delegacias, nos desvãos da atividade policial”, aponta o colega e amigo Cláudio Britto, jornalista e advogado que já atuou também como promotor de Justiça.

“Renato Dornelles é um ícone do jornalismo gaúcho”, salienta Felipe Bortolanza, jornalista e ex-colega de Zero Hora e Diário Gaúcho, este último o jornal que os dois ajudaram a formar em 2000. “Fui ‘foca’ do Renato e depois formamos uma relação de mais de 15 anos circulando entre as editorias de Esportes, Geral e Polícia. Fora da redação, é um profissional

muito respeitado em várias áreas e, dentro da redação, uma pessoa carismática, extrovertida e amiga”, completa Bortolanza.

No audiovisual, onde entrou de cabeça nos últimos 10 anos por influência da parceira e sócia na produtora Falange Produções, a jornalista e cineasta Tatiana Sager, codirigiu e/ou roteirizou os premiados documentários *Central - O Poder das Facções no Maior Presídio do Brasil* (2017) e *Olha Pra Elas* (2023), a série *Retratos do Cárcere* (2020) e os curtas *Enjaulados* (2015) e *Envergo, Mas não Quebro* (2024). Ainda com Tatiana, escreveu o livro *Paz nas Prisões, Guerras nas Ruas*, de 2021. “Renato é o melhor amigo e parceiro que tive até hoje e que terei por toda a vida”, declara Tatiana.

Há mais por vir dessa dupla. O tema dos Direitos Humanos permeia *Violadas e Segregadas*, documentário inédito que retrata o cotidiano de travestis e mulheres trans no sistema prisional, previsto para lançamento este ano. E Renato adianta: “Tivemos também aprovados em editais dois projetos de longas, um que trata da população LGBTQIA+ depois da passagem pela cadeia e outro sobre pessoas em situação de rua”.

O Oxé de Xangô segue mirando justiça.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Dupla provocação

Dementes é o espetáculo trazido pelo grupo La Buena Moza, de Mendoza-ARG. Trata-se de uma murga, isto é, uma espécie de bloco carnavalesco, comum no Uruguai e na Argentina. A diferença é que esta murga está idealizada enquanto espetáculo teatral, com um enredo que é desenvolvido, ao longo de pouco mais de hora e meia, através de canções autorais variadas, algumas das quais parodiam melodias mais conhecidas do universo latino-americano, como aquela que alude a Che Guevara e que, portanto, faz o elogio da coragem e do heroísmo, mas que, no espetáculo, é transformada numa profunda reflexão a respeito das educações exclusivistas e elitistas, tanto quanto preconceituosas, que marginalizam segmentos populacionais os mais variados.

Dementes foi uma surpresa extraordinária e, ao lado da ópera *Turandot*, até aqui, se tornou a grande atração deste festival trazido pelo Teatro Simões Lopes Neto em sua inauguração. São 16 cantores, cada um com seu momento de solista, mas que compõem majoritariamente um conjunto coral extremamente afinado e eficiente, sob a direção de Daniel Bernal, que assina a direção musical e cênica do trabalho. Depois, temos ainda três percussionistas, que marcam fortemente o ritmo, não só das interpretações musicais, quanto do próprio espetáculo, além do que animado por um figurino absolutamente inusitado, multicolorido e alegre, com adereços variados, que se acrescentam às roupas, conforme o andamento do espetáculo, como aqueles “óculos” que indicam a dilatação das pupilas, depois de ingerirem certas pizzas trazidas por um provocante personagem. Tudo isso se completa com um projeto de iluminação e uma maquiagem (esta última assinada por Laura Mendoza e Lula Millán) que valorizam os intérpretes em cena.

Não se sabe o que mais admirar: a criatividade do espetáculo, a dinâmica constante e profundamente dedicada de todos os intérpretes, o que se traduz num esfuziante ritmo que explode com a abertura da cortina e não se extingue nem ao final, porque o grupo sai para a sala de espera do teatro e vai confraternizar com o público, absolutamente

entusiasmado e surpreendido com o que acabou de assistir.

Parece que o público de Porto Alegre infelizmente tem certo preconceito em relação ao que desconhece: prefere não arriscar e continuar ignorante. Quem deixou de assistir a *Dementes* perdeu a oportunidade de conhecer um trabalho cênico absolutamente único e diferenciado, por todos estes elementos acima destacados: criatividade, entusiasmo, ritmo, qualidade interpretativa e sobretudo musical.

Lembro-me, décadas atrás, quando o teatro de sombras de Praga chegou à cidade, creio que ainda no antigo teatro Leopoldina. Os primeiros dias foi de público escasso, mas logo o boca-a-boca se espalhou e o espetáculo se tornou um “it” daquela temporada. Infelizmente, este grupo não teve esta oportunidade, porque foram, apenas duas performances. Mas como tenho certeza de que quem assistiu saiu com vontade de ver mais, é de se torcer para que o conjunto, que produz um novo espetáculo a cada temporada, possa retornar com novos trabalhos.

Na mesma semana, ainda tivemos *Chula*, criação e interpretação da bailarina Emily Borghetti, com direção cênica de Sílvia Canarim e direção musical de Guilherme Ceron.

O espetáculo é provocativo desde a proposta inicial: uma mulher dançando a chula, considerada uma “música masculina” no universo gauchesco. Pois Emily Borghetti dança, dança muito bem e ainda ironiza os que duvidam. A cenografia criada por adereços variados, mais a iluminação de Carol Zimmer, pontuando espaços e criando ambientes variados para a interpretação entre dramática e poética de Emily Borghetti, permitiu que assistíssemos a um espetáculo muito bonito, inteligente e lúdico, em que qualidade se aliou a sensibilidade, resultando numa encenação que deveria percorrer não só o Rio Grande do Sul, quanto viajar pelo Brasil, pois a mescla entre o tradicional e regional e o moderno e urbano, aliando os ritmos gauchescos com o flamenco, permitiu uma renovação inimaginável, dinâmica e contaminante, que entusiasmou a todo o público presente.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Minimalista e profundo

Um dos tantos diretores famosos no universo cinematográfico e praticamente desconhecidos em nosso mercado exibidor é o sul-coreano Hong Sang-soo. Ele nasceu em 1960 e começou a dirigir filmes em 1996. Ele filma muito - já realizou 40 filmes - e sua obra mais recente, *As aventuras de uma francesa na Coreia*, está atualmente em cartaz em Porto Alegre, o que não deixa de ser uma surpresa num mercado exibidor cada vez mais dominado por futilidades, salvo aqueles espaços voltados para obras que tem mantido vivo o cinema. Esta é a terceira vez que Sang-soo trabalha com a atriz francesa Isabelle Hupert. O cineasta, que também é músico, acumula também no filme as funções de fotógrafo e editor. Quando a ação termina, o espectador é surpreendido por créditos finais que destacam um reduzido número de nomes, o que de certa forma prova que os filmes do realizador, além de minimalistas, requerem um reduzido número de pessoas. Seus filmes, a se julgar pelo que está em exibição, são daqueles que procuram a essência do cinema. Tudo é realizado como se não existisse uma câmera filmando os acontecimentos. Dessa espécie de teatro do cotidiano, no qual a interpretação praticamente inexiste, segundo uma lição do George Cukor, que ensinava que tal recurso não é importante para o cinema, o realizador extrai informações fundamentais para que cada personagem revele sua verdadeira personalidade. É claro que ele deve muito a suas atrizes e seus atores que, abdicando de qualquer estrelismo, criam figuras vivas e no qual gestos, olhares, sem abandonar o recurso da palavra, exercem papel revelador. Alguns o aproximam de Eric Rohmer, mas o filme em exibição, que por sinal merecia um título mais apropriado no Brasil, radicaliza tal proposta, fazendo do espectador uma testemunha do que está acontecendo, como se a técnica de filmagem desaparecesse.

A protagonista do filme não vive qualquer aventura. Ela, na verdade, ao pôr em prática um método original de ensinar francês, procura demonstrar que, em qualquer aprendizado, um caminho precioso é aquele no qual se evita distanciar o aluno de seu passado e vivências. As duas aulas que o especta-

dor pode acompanhar revelam isso claramente. Na primeira, a figura paterna surge através de uma homenagem eternizada em um monumento. Mas, quando o plano filmado é outro, a aluna termina revelando uma falha que transforma o herói num simples mortal. A segunda aula, que começa quando a aluna erra na pronúncia do nome da protagonista - numa prova que levar qualquer nome para o inglês não é um defeito ou uma subserviência típica de muita gente por aqui - coloca em cena um casal interessado no método novo. São gestos simples e perguntas carregadas de alguma agressividade, que revelam certa crise. A personagem que esqueceu o francês anteriormente apreendido resume uma certa resistência. O cachorro que intimida a professora é outro dado a não passar despercebido. Quando a protagonista, como no episódio anterior, se afasta é como se uma mensageira, depois das revelações partisse carregando duas próprias carências, deixando completo mais um episódio de uma crise abafada por sorrisos e rituais ineficientes para um processo de cura.

A terceira parte desta trilogia sobre o cotidiano de seres humanos é a mais significativa de todo. Aqui, o controle materno, como em muitos filmes de Hitchcock, surge claramente naquele plano em que o rosto do filho não é mostrado e no qual a mãe contempla e vive sua vitória. A refeição é um regresso a um tempo ideal, aquele no qual a figura nutriente é também a rainha que merece reverências e elogios. É uma sequência primorosa, na qual o passado interfere no presente aumentando o sentimento de solidão da protagonista, praticamente expulsa do cenário onde era possível enfrentar o isolamento. As pedras voltam a dominar o cenário. Contudo, no encerramento do filme, a floresta volta a ser o caminho para o regresso a um mundo no qual reina a harmonia e vivem figuras livres de qualquer forma de tirania. Mas a obra não se conclui com um epílogo superficial. Segredos não são inteiramente revelados. Permanecem sugestões para o espectador tirar suas conclusões. E a música, presente nas três partes, é o símbolo de um sonho ainda não concretizado.

fique ligado

A sensibilidade de Jessie Jazz

O projeto Mistura Fina, que recebeu, em sua mais recente edição, uma apresentação da artista Shana Müller, anuncia a cantora porto-alegrense Jessie Jazz como a próxima atração. Desta vez, o evento ocorre às 19h desta quinta-feira, no Teatro Oficina Olga Reverb, dentro

do Multipalco Eva Sopher (Praça Mal. Deodoro, s/nº). A entrada é gratuita, sem a necessidade de inscrição prévia.

Com uma sonoridade autoral fortemente inspirada pelas décadas de 1960 e 70, a cantora Jessie Jazz produz músicas com uma estética *vintage*, que refletem

os comportamentos humanos e a força transformadora da arte. Através de arranjos de jazz, soul, funk, blues e outras vertentes da musicalidade negra, a cantora realiza performances que apostam na sensibilidade, transmitindo ao espectador reflexões e sentimentos universais.



Cantora gaúcha explora gêneros como o jazz, o soul e o blues em apresentação do projeto Mistura Fina no Multipalco



André Teixeira é atração musical na agenda de feriado do Rancho Tabacaray

Páscoa em clima de fogo de chão

O Rancho Tabacaray (av. Vicente Monteggia, 2.770) tem uma programação destinada às famílias neste domingo de Páscoa. Os ingressos para as atividades, que iniciam às 11h, estão disponíveis na plataforma Sympla, em valores de R\$ 190,00 para adultos, R\$ 90,00 para crianças de até dez anos e entrada franca para os menores de cinco anos.

Entre as atrações do evento, destaca-se, principalmente, o tradicional almoço de Fogo

de Chão. O cardápio, que está incluso no valor dos ingressos, conta com diversos cortes selecionados de carne, além de seus acompanhamentos clássicos.

Junto do almoço, haverá uma apresentação ao vivo do cantor André Teixeira, nome que ocupa destaque na música nativista atual. As crianças, por sua vez, poderão aproveitar o espaço *kids*, que conta com brincadeiras musicais, pintura facial e outras atividades lúdicas.

Festival Sul Universal visita cinco cidades gaúchas

Após ter estreado na capital gaúcha no mês de fevereiro, o Festival Sul Universal segue sua trajetória por cinco cidades do Rio Grande do Sul ao longo dos próximos dias. O evento pretende contar com 16 atrações totalmente gratuitas, que ocorrem no Boulevard Encantado (Estrada Lagoa da Garibaldi, 282 - Encantado), neste sábado; no Largo dos Estudantes (travessa do Largo dos Estudantes - Osório), na quinta-feira da semana que vem; na Travessa dos Cataventos (rua dos Andradas, 736 - Porto Alegre), no dia 26 de abril; no Teatro Univates (rua Avelino Tallini, 171 - Lajeado), em 11 de maio; e, por fim, na Casa do Tambor (rua São Leopoldo, 243 - Pelotas), no dia 17 de maio.

O festival tem como objetivo montar uma programação variada, que reflete a pluralidade de gêneros musicais presentes no estado do Rio Grande do Sul. As apresentações confirmadas pretendem abordar uma série diversificada de sonoridades e ritmos: milongas, chamamés, zambas, chacareras, jazz, rap e, especialmente, muita música brasileira.

Na primeira apresentação, realizada neste sábado no município de Encantado, subirão ao palco o Uiliam Michelin Quarteto e o trio composto por Maurício Marques, Felipe Batisella Alvares e Valdir Verona. Além disso, o evento, que deve ter início às 18h30min, também contará com a presença da cantora Adriana de Los Santos.

Agenda musical de feriado no Grezz

O Grezz (rua Almirante Barroso, 328) tem uma programação cheia de música neste feriado de Páscoa. Nesta quinta-feira, o espaço recebe o Café Trio, que, ao lado do artista Pedro Veríssimo, apresenta um tributo a Tom Jobim e Chico Buarque. Já na sexta-feira, quem sobe ao palco é André Moraes, um dos

mais consagrados compositores da cena musical brasileira. Responsável pela trilha sonora de inúmeras obras do cinema brasileiro, o artista deve interpretar canções de filmes como *Meu Tio Matou um Cara* e *Lisbela e o Prisioneiro*.

Por fim, no sábado, o espaço recebe uma homena-

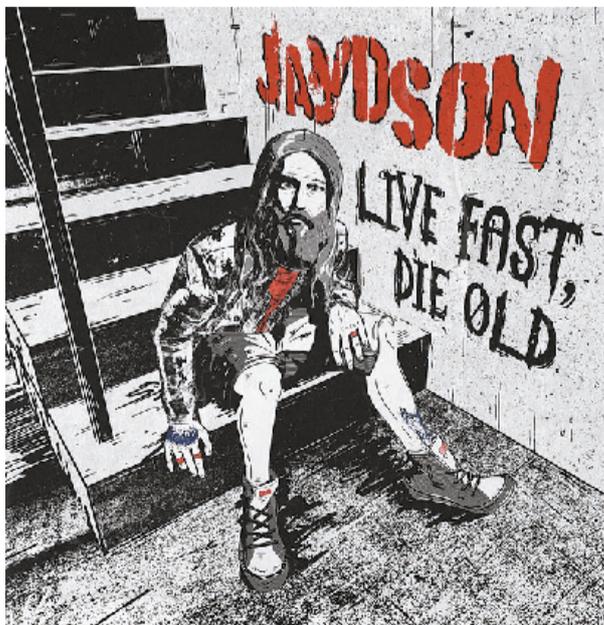
gem ao cantor britânico David Bowie. Ao longo da noite será apresentado, na íntegra, o disco *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*, lançado em 1972. Todas as apresentações têm início às 21h e ingressos disponibilizados no Sympla, com valores entre R\$ 20,00 e R\$ 50,00.

Jaydson lança seu álbum de estreia

Na última sexta-feira, o cantor e compositor Jaydson lançou seu primeiro álbum de estúdio, *Live Fast, Die Old*. Disponibilizado em todas as plataformas de *streaming*, o disco é composto por nove faixas, que mesclam referências de inúmeros gêneros, como o grunge, o hardcore melódico e o rock alternativo. Entre as canções que integram o trabalho, destacam-se faixas como *I Don't Wanna Die Young*, *Camisa Amarela* e *Filme do Almodóvar*, lançadas anteriormente como singles.

Para ajudar a dar vida às letras do trabalho, Jaydson contou com uma equipe composta por músicos e produtores de destaque na cena gaúcha. No time, estão Marcel Bittencourt (baixo e guitarra), Renato Siqueira (bateria) e Rodrigo Ferreira (guitarra).

A partir da mescla de materiais antigos com composições novas, Jaydson conseguiu montar uma obra que reflete, simultaneamente, seu trabalho autoral e as influências musicais de nomes como Nirvana, NOFX e Júpiter Maçã.



Live Fast, Die Old já está nas plataformas digitais de música

Comentando releituras de Lenine

O Obras Comentadas, projeto que discute grandes trabalhos da música popular brasileira, receberá a violonista Badi Assad e o diretor da Orquestra Mundana Refugi Carlinhos Antunes, para realizar uma análise do disco *Olho de Peixe*, lançado em 2024. A partir das 16h de sábado, o bate-papo entre os artistas será disponibilizado no canal do YouTube do músico Felipe Antunes.

Na discussão, os artistas deverão fazer uma análise mais aprofundada das sonoridades e temáticas do novo disco, que é uma releitura do trabalho homônimo publicado por Lenine em 1993. Produzido por Pedro Ito, o álbum pretende simbolizar uma homenagem à trajetória do artista que, como tantas outras pessoas de diferentes regiões do Brasil, migrou até o sudeste em busca de novas oportunidades.

reportagem cultural

Profissão: repórter (policial)

Daniel Rodrigues*

“Futura professorinha pega no fuzil pra resgatar detento”. “Família do sequestrado faz proclamação para pagar promessa”. “Assaltante dormia com uma bomba no túmulo”. Essas são apenas três das manchetes sensacionalistas de jornais dos anos 1970 e 1980 com notícias policiais, que denotam o quanto este segmento do jornalismo era carregado de preconceitos de toda ordem e por uma visão ainda influenciada pela naturalização da truculência herdada da Ditadura Militar. Tudo o que o estudante de Jornalismo Renato Dornelles queria distância. “Eu cresci vendo jornais assim e ficava sabendo do comportamento inadequado de alguns jornalistas do segmento. Então, tinha certo preconceito com a editoria de Polícia”, admite.

Porém, como ocorre em vários momentos da trajetória de Renato, o acaso - quiçá, por força das divindades - vem para agir e redefinir os caminhos. Coincidiu com sua entrada no mercado de trabalho a redemocratização do País e uma tomada de consciência dos Direitos Humanos por parte da imprensa, o que passa a influenciar, justamente, a abordagem dos casos policiais nas redações. “Quando comecei a trabalhar, conheci repórteres comprometidos como Mário Rota, João Carlos Rodrigues e Luis Milman, que faziam, naquele momento, a transição do jornalismo policial sensacionalista para uma abordagem que buscava entender também o lado social dessa questão”, lembra Renato. “Eu fiz parte dessa transição”, orgulha-se.

Três fatídicos episódios marcaram aquele início de carreira jornalística de Renato - e a história da cidade de Porto Alegre. O primeiro é o intitulado Caso do Homem Errado. Da redação de Zero Hora, Renato pôde acompanhar o fato ocorrido em maio



Como jornalista, Renato Dornelles é referência nacional em temas como sistema prisional e segurança pública

de 1987, na Zona Leste da cidade, quando, após um assalto a um supermercado, a Brigada Militar prendeu equivocadamente o operário Júlio Cesar Pinto, levando-o na viatura e, posteriormente, executando-o. O crime da polícia e os desdobramentos judiciais, que viraram filme em 2017 pelas mãos da cineasta Camila de Moraes (*O Caso do Homem Errado*), foram amplamente registrados pela imprensa à época, mobilizando sociedade, grupos de direitos civis e comunidade negra, marcando profundamente a criminologia no Estado.

Renato, contudo, entraria de cabeça em dois outros eventos emblemáticos da história social de Porto Alegre naquele efervescente período. Um deles, ocorrido na fria noite de 4 de junho de 1988, foi o assassinato do jor-

nalista e deputado José Antônio Daudt. Ao chegar em casa, no bairro Moinhos de Vento, Daudt foi surpreendido e baleado com dois tiros. Levado ao Hospital de Pronto Socorro, morreu na madrugada, horas depois. Renato, de plantão na redação de Zero Hora, era o único repórter da imprensa gaúcha presente. Na manhã do dia 5, um sábado, o jornal era o primeiro a noticiar o crime, que teria grande repercussão até 1990, quando Antônio Carlos Dexheimer, principal suspeito do homicídio, foi ao banco dos réus e absolvido por falta de provas.

Outro incidente marcante na carreira do iniciante repórter policial se deu um ano antes da morte de Daudt: o motim no Presídio Central. Durante a cobertura, Renato entrevistava os amotinados à distância, do muro da penitenciária, até que um deles gritou da janela que uma importante quadrilha estava se formando. Mesmo com a relutância das autoridades sobre o assunto, Renato foi investigar e descobriu que aquele era o embrião da Falange Gaúcha, facção criminosa que reunia assaltantes e traficantes aos moldes da Falange Vermelha, do Rio de Janeiro. Nascia ali o cerne da pesquisa de Renato, a qual lhe renderia vários desdobramentos a partir de então. Para alguém que não queria fazer jornalismo policial, pode-se dizer que era o acaso lhe socorrendo mais uma vez.



Renato Dornelles, no canto direito, como repórter no badalado Caso Daudt

Punho cerrado

Durante a sessão de fotos para esta matéria, na Sociedade Floresta Aurora, perguntado se haveria problema em fazer o gesto antirracista com o punho cerrado para cima, Renato Dornelles não concordou como o fez. Afinal, ele sabe muito bem de sua posição de homem preto em uma sociedade ainda em processo de descolonização e de valorização da herança afro-brasileira.

A satisfação com que percorre os espaços do Floresta Aurora e com que mostra as fotos históricas de quando João Cândido e Leonel Brizola visitaram a antiga sede do clube é visível. Bem como de quando lembra da reunião, ocorrida em 2022, para a celebração dos 150 anos daquela que é entidade negra mais antiga do Brasil. “Digo que a Sociedade Floresta Aurora é ‘mais antiga que a liberdade’, pois sua fundação é de 1872, 16 anos antes

Falange vermelha, amarela e verde

Nos anos 1990, enquanto trabalhava em Zero Hora, a pesquisa de Renato Dornelles sobre facções criminosas prosseguia. E não aquelas com traços cariocas, mas, sim, forjadas nas cores da bandeira do Rio Grande do Sul. Foi nesta época que se envolveu na cobertura de outro caso policial memorável em Porto Alegre: a cinematográfica fuga do presídio do bandido Dilonei Francisco Melara, personagem que Renato não sabia que seria novamente fundamental para sua trajetória anos mais tarde. Os bons imprevistos. Foi neste momento também que conheceu Tatiana Sager, então repórter fotográfica do jornal *Correio do Povo*.

Com o projeto do livro *Falange Gaúcha* na gaveta por quase 10 anos, em 2003, Renato decidiu mostrar o esboço original para os diretores de redação de Zero Hora da época, Cyro Martins e Marcelo Rech. Ambos gostaram, mas, assim como o próprio autor, identificaram que faltava um

fechamento. Só dois anos depois a resposta veio: a morte de Melara. Mais uma vez, o acaso (ou a sorte), trouxe o que Renato precisava e ele pode, enfim, finalizar a obra como esta merecia.

As editoras de livros, contudo, ainda não confiavam no valor comercial da obra. Assim, passaram-se mais dois anos até que o amigo e colega David Coimbra (1962-2002) o aconselhou a divulgar os textos em forma de série. Com o apoio de Alexandre Bach, então editor-chefe do *Diário Gaúcho*, duas páginas de matéria com o resumo do livro foram publicadas durante 10 finais de semanas. Resultado: o que foi tido como pouco vendável por alguns editores acabou por ganhar 10 prêmios pela reportagem, dentre eles, o reconhecimento da ARI - além do interesse do mercado editorial. Por fim, *Falange Gaúcha* saiu pela RBS Publicações em 2008, 21 anos depois de Renato, com a tenacidade de Xangô, ter apostado no próprio projeto.

rado

da Abolição da Escravatura no País, em 1888”, romanceia.

“Tenho como objetivo ainda fazer um longa sobre a minha primeira ficção, *A Cor da Esperança*, de 2019”, revela Renato. “É muito baseada em fatos reais, pois narra a história do negro em Porto Alegre, algo que acho muito importante contar”, conclui. O pai de Bernardo, de 17 anos, e de Renata, 32, ambos de casamentos distintos, vê nos filhos um pouco do seu reflexo. O caçula já toca guitarra e demonstra aptidão com a música, realizando aquilo que nunca conseguiu. Já a mais velha, esta sim, enveredou para a mesma profissão: o Jornalismo. Porém, entende que hoje são outros tempos.

“Quando estudei na Pucrs, nos anos 1980, nós negros éramos apenas 2% dos estudantes, o que se manteve por ainda bastante tempo até governos de esquerda passarem



Renato Dornelles, para os jovens: “o caminho é árduo, mas é possível”

a adotar as importantes políticas públicas de inclusão, como as cotas em universidades”, considera. “Ainda hoje, no Rio Grande do Sul, somos uma minoria entre os cineastas e precisamos seguir lutando contra isso”, acrescenta.

Aos mais jovens, acredita

que seu exemplo serve de espelho. “É importante a minha participação e de outros realizadores negros para ajudar na autoestima desses jovens de maneira que eles saibam que o caminho é árduo, mas que é possível, sim, fazer cinema”, avalia Renato.

O cárcere e a tela

Em 2008, o Presídio Central de Porto Alegre foi considerado o pior do País pela CPI do Sistema Carcerário e alvo de denúncias de violações dos Direitos Humanos feitas à Organização dos Estados Americanos (OEA). Renato Dornelles, a esta altura, já uma referência sobre o tema da segurança e do sistema prisional no Rio Grande do Sul, e Tatiana Sager, que havia rodado com roteiro de Renato e codireção de Zeca Brito o curta *O Poder entre as Grades*, em 2014, decidiram juntar experiências e conhecimentos e encarar um desafiador projeto de longa-metragem documental para retratar a degradante situa-

ção penitenciária.

Inspirado no livro *Falange Gaúcha, Central - O Poder Das Facções no Maior Presídio do Brasil* apresenta, através de depoimentos de apenados, policiais militares e visitantes, além de análises de autoridades, o cotidiano e a dura situação do presídio. Codirigido por Renato e Tatiana e roteirizado pelos dois com Luca Alverdi, *Central* exigiu, para poder ser rodado, muita diplomacia e negociação - tanto com o poder público quanto com o paralelo. “Tivemos reuniões com várias autoridades e com os próprios líderes de facções, que foram os mais difíceis de convencer a nos autori-

zar a filmar”, recorda Renato.

Por fim, deu certo. “Conseguimos colocar câmera nas mãos dos presos dentro das galerias das facções, onde ninguém entra. São cerca de 11 galerias, com quase 400 presos em cada uma, controladas pelos líderes de facções”, relata Tatiana. Lançado em 2017, *Central* ficou 10 semanas seguidas em cartaz em capitais brasileiras e teve mais de 16 mil espectadores, um sucesso surpreendente para um documentário, ainda mais produzido fora do centro do País. O filme recebeu prêmios nacionais, como MJDH, e internacionais, em Portugal e na Espanha.

Decorrência do trabalho que já vinha realizando com Tatiana, *Olha pra Elas*, de 2019, por sua vez, mergulha na realidade dos presídios femininos. Roteirizado por Renato e dirigido por Tatiana, o filme, igualmente premiado, traz histórias reais de mulheres transformadas quando a prisão se tornou parte de suas vidas.

“O Renato é um parceiro que qualquer pessoa gostaria de encontrar na vida. De uma fidelidade, integridade e parceria que jamais encontraria em qualquer outra pessoa no mundo. Está sempre ali, ao meu lado, apoiando todos os projetos mirabolantes, dando a paz e o equilíbrio para tudo”, confidencia Tatiana.



Renato assina parte da produção de documentários premiados no Brasil e exterior

Sabedoria de bamba

Muito antes de se envolver com Jornalismo ou cinema, Renato Dornelles sabia-se um folião. Bambista de coração, não deixa, no entanto, de apreciar aquilo que as outras escolas de samba também fazem. Em 1987, aceitou o convite do jornalista e grande entusiasta da cultura negra no Rio Grande do Sul Carlos Alberto Barcellos, o Roxo (1941-1989), para cobrir Carnaval em Zero Hora. Anos adiante, em 1993, outro convite, desta vez de Cláudio Britto, para participar das transmissões carnavalescas da Rádio Gaúcha. “Havia as muambas comunitárias que as escolas promoviam e eu ia para os bairros e dava os boletins ao vivo pelo orelhão”, recorda.

“Renato contribui para as coberturas carnavalescas com um jornalismo eclético, pesquisador e autêntico de alguém que honra a própria origem e raça, que ama o Carnaval e conhece todas as manifestações das escolas, tribos e cordões”, exalta Britto, que soma com o colega 31 transmissões da Festa do Momo.

A coluna *Chora Cavaco*, que Renato assinou por 19 anos em *Diário Gaúcho*, é outra contribuição incontestante para a cultura do samba na imprensa gaúcha. O nome, bordão do cantor Neguinho da Beija-Flor, se deu noutra casualidade de sua vida. Ele precisava achar um título para o espaço, mas nada surgia.

Até que as divindades providenciaram. “Num dia, quando precisava informar ao editor o nome, minha amiga Célia dos Santos chegou na redação do jornal com Neguinho, para me apresentar a ele, e me veio a ideia: ‘Chora Cavaco’”, conta Renato. “Na hora, ele me autorizou e ficamos amigos desde então.”

Tamanha ligação com o samba e o Carnaval lhe renderam homenagens. Ou melhor, a maior honraria que um brasileiro pode receber: um samba-enredo. Em 2024, a escola Tradição Alada, de Alvorada, levou para a avenida o tema *A Esperança Liberta a Mente e a Alma*. Renato Dornelles, o *Emisário da Justiça*, em que abordou aspectos de sua biografia como o Jornalismo, o cinema e a religião.

Seja numa redação de jornal, num set de filmagem, na escrita solitária frente ao computador ou numa quadra de escola de samba, a inteligência e o compromisso com a verdade são infalivelmente presentes em tudo que Renato Dornelles produz. Estão sempre com ele, assim como os seus orixás Xangô e Oxum, mestres da sabedoria. Como dizem os versos do samba-enredo em sua homenagem: “*Pra dar voz às minorias / com grande sabedoria / protegido e iluminado por divindades ancestrais*”.

ARQUIVO PESSOAL RENATO DORNELLES/REPRODUÇÃO/JC



Ao lado de Neguinho da Beija-Flor, que inspirou nome de coluna famosa

Daniel Rodrigues é jornalista, escritor, radialista e crítico de cinema. Atual presidente da Accirs, tem duas obras lançadas (*Anarquia na Passarela: a influência do movimento punk nas coleções de moda* e *Chapa Quente*), além de participação em antologias de contos e no livro *50 Olharews da Crítica Sobre o Cinema Gaúcho*, editado pela Accirs.

nas telas

A vida e a voz das mulheres indígenas

A Cinemateca Paulo Amorim (rua dos Andradas, 736) vai realizar uma série de exhibições gratuitas do documentário *Kunhã Karaí e as Narrativas da Terra*. As sessões acontecem a partir desta quinta-feira, em todos os dias da semana, com exceção de segundas-feiras, sempre às 19h, até o dia 23 de abril. Todos os ingressos serão vendidos presencialmente na Cinemateca, com valores entre R\$ 8,00 e R\$ 16,00 na terça, quarta e quinta-feira, e en-

tre R\$ 10,00 e R\$ 20,00 no feriado de sexta-feira, no sábado e no domingo. Dirigido pela cineasta Paola Mallmann, o longa-metragem acompanha a história de vida de mulheres brasileiras de diferentes povos indígenas, que habitam em regiões distintas do país. Através de relatos da perspectiva feminina, o documentário procura abordar questões sociais colocadas em evidência, como as mudanças climáticas e a proteção dos biomas.

PEDRO CLEZAR/DIVULGAÇÃO/JC



Kunhã Karaí e as Narrativas da Terra está na Cinemateca Paulo Amorim

A melodia eterna de Maurice Ravel

Com direção de Anne Fontaine, o longa francês *Bolero: A Melodia Eterna* está ambientado na Paris dos anos 1920, considerado um dos períodos mais criativos das artes. No filme, a coreógrafa Ida Rubinstein encomenda ao compositor Maurice Ravel uma trilha para o seu próximo balé. Sem inspiração, o músico re-

visa os principais momentos da sua vida - a guerra, um amor não correspondido, os primeiros anos de trabalho - e, depois de um profundo mergulho em si mesmo, acaba criando uma das obras mais conhecidas da música universal. O filme fez parte do Festival Varilux de Cinema Francês em 2024.

Um tênis descobre a vida fora da caixa

Com direção de Rob Edwards e Chris Jenkins, a animação *Sneaks: De Pisante Novo* gira em torno de Téo (dublado por Jottapê), um tênis de grife que, junto com sua irmã, Beca, vive dentro de uma caixa, longe do mundo exterior. Tudo muda quando Edson, um jovem humilde com o sonho de se tornar jogador de basquete, ganha os tênis em um sor-

teio. No entanto, os planos de Edson são ameaçados quando Téo e Beca são roubados por um colecionador. Separado de sua irmã, Téo se vê perdido nas ruas de Nova York, onde conhece Beto (Christian Malheiros), um tênis de rua cheio de atitude - e descobre, ao lado dele, que o mundo fora da caixa é muito maior e mais desafiador do que ele imaginava.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Humor praticado no seriado Monty Python	↓	É simbolizado pelo lobatiano	↓	Gênero musical de Jackson do Pandeiro	↓	Hotel icônico do Rio, símbolo de luxo e sofisticação	↓
Situação de melhora progressiva (Econ.)						Divisão da tangerina	
Pintor de "Narciso"	↓						
Religiosidade	→						Qualidade avaliada em um depoimento
		Organiza eleições nos estados (sigla)		Cavalo-vapor (símbolo)		(?) de esturjão: base do caviar	↓
Filósofos seguidores de Antístenes	→					Retrocede importante minério de chumbo	Feito do engenheiro Altar bíblico
Digrafo de "alho"	→		Ingrediente da gelatina				Jogo de (?) : início do mata-mata (fut.)
Sem qualquer valor			Tambor do torró				
				Goma-?, resina obtida da acácia			
Identidade da voz de um cantor		Tudo, em inglês				Principal deus dos nórdicos	
		Fenômeno oceânico				Bulhufas	
						Figura típica do estilo gótico	
				Sine qua (?) : a condição indispensável			Estado criado em 1988 (sigla)
Status acadêmico como o Ph.D							
Veículo da via férrea		Ilha britânica no mar da Irlanda			Em qual lugar?	(?) Cid: o cavaleiro Rodrigo Díaz de Vivar, que se opôs ao Rei de Castela (século XI)	
Dirigida					Sofrimento		Principal constituinte dos genes
Pensamento (?) : visa à solução única				(?) -1: o primeiro míssil moderno		Símbolo da força da gravidade (Fis.)	Filme como "Democracia em Vertigem"

BANCO 2/el. 3/all — man — non — 4/soez. 5/ogiva. 7/clínicos. 8/pastiche.

17

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesse nosso site!

COQUETEL

Solução

E	T	E	R	E	A	N	O	C
C	O	D	O	D	O	V	S	O
V	A	V	D	V	N	V	M	O
L	E	L	V	O	B	U		
V	N	E	V	M	T			
P	V	N	O	N	U	V	G	
V	D	V	E	R	B	M	T	
N	I	D	O	L	V			
I	C	A	V	Z	E	O	S	
B	V	A	V	H				
V	R	O	R	C				
C	E	S	O	C	I	N	I	C
V	A	O	P					
P	S	I	C	I	S	I	M	
O	I	G	V	V	R	V	C	
C			B	C	P			

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ Áries: Forte inspiração intelectual, com sua mente captando toda a amplitude e altitude possível ao ser humano. Contudo, pode ser difícil organizar percepções tão amplas assim.

♉ Touro: Você percebe com clareza uma série de inter-relações à sua volta, inclusive nas relações humanas. A captação de ideias brilhantes e sofisticadas está positivamente estimulada.

♊ Gêmeos: O intelecto quer organizar as impressões profundas e sutis, e essa é sempre uma tarefa árdua. Na lida com questões práticas, no entanto, você pode se confundir um bocadinho.

♋ Câncer: Você capta ideias e pensamentos elevados que podem muito bem ajudar em sua atividade profissional. Mas atenção para não se desviar das situações imediatas a cuidar.

♌ Leão: Você está idealista e sonhador. Sua mente se move em direção aos pensamentos mais amplos que possa explorar. A religiosidade está presente como uma marca bem forte.

♍ Virgem: Apesar das diferenças e tensões na vida a dois, há também hoje o anseio por um encontro profundo, uma verdadeira fusão com a pessoa querida.

♎ Libra: Dia propício para encontros importantes, nos quais a troca subjetiva e a harmonia de pensamentos e sentimentos seja o centro do relacionamento. Empatia e harmonia.

♏ Escorpião: Você se encanta por algum aspecto de seu trabalho ou talvez por uma relação do ambiente de trabalho. Uma interação profunda e harmoniosa pode ser dar neste âmbito.

♐ Sagitário: Sua mente se expande junto com os sentimentos afetivos. Você se encanta com as pessoas e é capaz de causar grande encantamento. A atividade artística está favorecida.

♑ Capricórnio: Um período de sentimentos fortes, em relação às pessoas queridas e familiares. Agora, é possível perceber mais a fundo o que realmente tem sentido para você.

♒ Aquário: A atividade intelectual é estimulada por pensamentos intuitivos e pela percepção ampla. Capacidade de expressão poética e artística. Forte empatia com algumas pessoas.

♓ Peixes: Seguem as tensões na vida a dois, com você inquieto diante das pressões que os outros lhe colocam. Bom momento para que os negócios se realizem espontaneamente.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

A história da matemática em nova versão

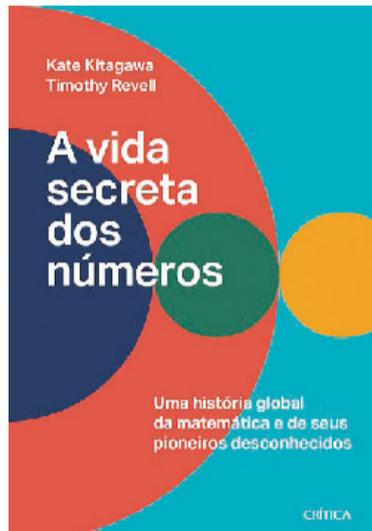
A matemática molda quase tudo o que fazemos. Mas, apesar de sua reputação como o estudo de verdades fundamentais, as histórias que nos contaram sobre ela estão muitas vezes erradas, distorcidas, como foi o caso do mapa do século XVI, que ampliava a Europa à custa da África, da Ásia e das Américas.

A vida secreta dos números (Editora Planeta, 304 páginas, R\$ 89,90, tradução de Rafael Rocca dos Santos e revisão técnica de Cleber Haubrichs), de Kate Kitagawa, ex-professora de Harvard e especialista em História da Matemática, e Timothy Revell, jornalista e matemático não praticante e editor-executivo da britânica *New Scientist*, apresentam uma nova história global da matemática e de seus pioneiros desconhecidos.

A partir de extensas pesquisas e com o objetivo de contar uma nova versão revisada da

história da matemática, os autores escreveram a obra para reconstruir os passos que trouxeram a ciência aos dias de hoje, focando nos episódios que acabaram excluídos da narrativa conhecida. Claro que nenhum livro consegue corrigir todos os erros ou contar uma história realmente completa, mas o mérito da obra é mostrar que a matemática é uma ciência infinitamente mais profunda, ampla e rica do que sempre se pensou. Na obra, os autores mostram não só as grandes contribuições dos matemáticos conhecidos, mas também revelam mentes brilhantes que tinham ficado no esquecimento. Os autores revisam as visões tradicionais, marcadas por um eurocentrismo histórico.

Mostrando a diversidade cultural e a inovação que estão no cerne da matemática, o livro promete mudar a maneira como entendemos um dos saberes



mais fundamentais da história do pensamento.

“A matemática hoje é um amálgama inspirador de conceitos de todo o mundo, que teve início em um grupo de destruidores de fronteiras matemáticas, pessoas que ignoravam as limitações que a sociedade lhes impunha por causa de sua raça, gênero e nacionalidade”, escreveram Kate e Timothy, resumindo o espírito deste livro que quer possibilitar aos leitores novas visões de matemática, de pessoas e de mundo.

e palavras...

PÁSCOA, PESSACH, PASSAGEM

A Páscoa é o momento mais adequado do ano para pensar em vida, morte, renovação, renascimento e futuro. Com exceção de suicidas fora de si, alguns praticantes de esportes radicais, pessoas com doenças terminais, homens e mulheres abandonados por seus amores e os que se metem com mulheres de lutadores de UFC, no fundo ninguém quer morrer. Como diz a canção do Gonzaguinha, as pessoas não querem a morte, querem só saúde e sorte.

Pensando bem, é melhor nem pensar muito na morte. Melhor dar uma de menino assustado assobiando no escuro para disfarçar e espantar o medo. A ressurreição de Jesus Cristo é a eterna, milenar inspiração para a gente sacudir a poeira e dar a volta por cima, todos os dias, se preciso for.

Para os hebreus, o Pessach, a Páscoa Judaica, está profundamente ligado com a saída dos escravos judeus do Egito, e seu significado maior é o de ser uma passagem.

O pão sem fermento, o osso de cordeiro, o ovo, as ervas amargas, o vinho e outros alimentos altamente simbólicos são utilizados para venerar os antigos e a história. Em 2017, na Catedral Metropolitana, em Porto Alegre, houve uma celebração histórica da Páscoa. Na cripta da Catedral houve um culto e um jantar que reuniu católicos e judeus. Bonita a ideia, que se repita a celebração e que outros eventos semelhantes unam pessoas, povos e religiões diversos.

Para os católicos, os ramos de palmeira, o cordeiro, o cirio pascal, o peixe, os ovos e o coelho, especialmente, simbolizam com força a ressurreição de Cristo e nos dão a ideia da eternidade e

da circularidade da vida, especialmente pela natureza e formato do ovo. Neste mundinho onde estamos obrigados a estar até o último suspiro e nesta vida-barca onde estamos juntos e misturados, queiramos ou não, pensar em passagem e renovação é questão de sobrevivência, mas deve ser, também, na medida do possível, razão de esperança e alegria.

Nós morremos e vivemos toda hora, todo dia. Mario Quintana poetou “minha morte nasceu quando eu nasci” e versejou que não sabia qual o dia do encontro definitivo com ela. A graça triste que é a vida, cheia de dor e prazer, alegria e tristeza, derrotas e vitórias, caminhos e descaminhos, mortes e vidas, perdas e ganhos e o infinito, principalmente na Páscoa nos mostra que o presente, o momento e o aproveitamento dele com amor, alegria e esperança, é o que temos de melhor a fazer nessa passagem breve. Passagem que para muitos, infelizmente, é ainda mais breve que para a maioria. Mesmo com noventa ou cem anos dá para pensar que a vida é bela, mesmo sendo rápida.

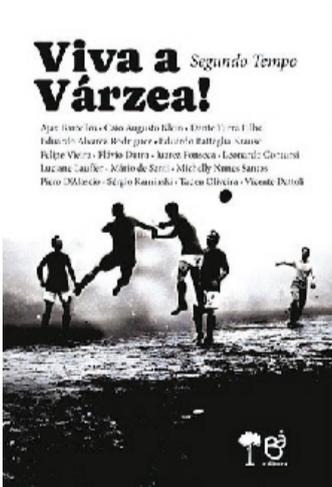
Pois é, tudo e todos merecem renascer, reflorir, principalmente o Internacional, a grande seleção colorada campeã de tudo, de verdade e outras coisas mais. Acho até que o manto sagrado vermelho é uma homenagem ao Mar Vermelho, que os hebreus atravessaram para deixar para trás a escravidão do Egito. Me lembro que o saudoso coirmão Paulo Sant’Anna registrou certa ressurreição do Inter e disse que o Inter era também uma entidade otomano-judaica.

a propósito...

É verdade, o Inter é ecumênico, democrático e um exemplo de união e paz especialmente para seus afortunados torcedores. O Inter muitas vezes renasce em grenais, ao lado do imortal lutador coirmão, que é um baita parceiro e valoriza os triunfos do Time do Povo. Tomara que a ideia da ceia e do culto havido na Catedral em 2017 se repita e ocorra também

em outros locais, celebrando entendimento, paz, solidariedade e um mundo com pessoas menos briguentas. Feliz Páscoa e ótimos renascimentos aos meus queridos leitores, especialmente os tricolores, que estão sempre renascendo nas minhas lembranças. Ando meio esquecido, mas ainda lembro do que esqueço e aí vou adiante. (Jaime Cimenti)

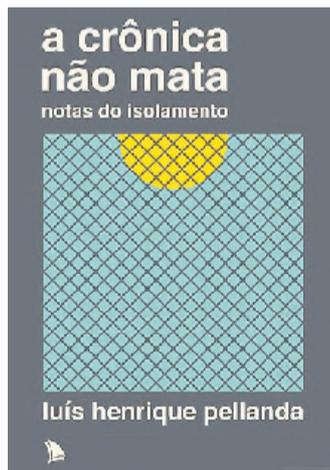
lançamentos



► **Viva a várzea – Segundo Tempo** (Bá Editora, 112 páginas), com textos de Flávio Dutra, Felipe Vieira, Juarez Fonseca, Eduardo Bataglia Krause e outros, é a continuação do primeiro livro e resgata histórias incríveis do futebol varzeano, como a Copa Ajax, a Paquetá e o Campeonato Praiano. Tem causos do Rio de Janeiro, Paraná e até da Austrália. Imperdível.



► **O Ciclo de Vida Corporativo** (Editora Intrínseca, 624 páginas, R\$ 139,90), de Aswath Damodaran, “o decano da valuation”, professor da Universidade de NY, é um guia definitivo para o crescimento, o comportamento e o valor corporativos. Ele ensina a otimizar gestão e decisões de investimento. Obra essencial para executivo e investidores que buscam criar valor.



► **A crônica não mata – notas do isolamento** (Arquipélago, 144 páginas, R\$ 59,90), de Luís Henrique Pellanda, escritor, jornalista e consagrado cronista, autor de *O macaco ornamental* e *O caçador chegou tarde*, entre outros, apresenta crônicas envolvendo os tempos da pandemia de Covid-19, com olhar sensível de cronista enclausurado.

pensando cultura

Propriedade de Gene Hackman tinha infestação de roedores, diz relatório

Um relatório do Departamento de Saúde do Novo México revelou que a propriedade do ator Gene Hackman e sua esposa, Betsy Arakawa, em Santa Fé, nos Estados Unidos, apresentava sinais de infestação por roedores. A vistoria foi feita em março, dias após a morte do casal. Betsy morreu em 13 de fevereiro por complicações causadas pelo hantavírus, doença rara transmitida por fezes e urina de ratos. Hackman foi a óbito pouco tempo depois, por problemas cardíacos e Alzheimer - causas não relacionadas à infecção, como informa a Agência Estado.

Gene e Betsy foram sepultados em um funeral privado na cidade onde residiam. A data em que a cerimônia ocorreu não foi divulgada. O enterro ocorreu de forma discreta, apenas com a presença de familiares e amigos próximos do casal, segundo informações da revista People.

De acordo com o documento, as autoridades encontraram fezes, ninhos e animais vivos e mortos em veículos, garagens, casas de hóspedes e depósitos localizados no terreno. Também foram encontradas armadilhas nos espaços externos, sinal de que o problema já era conhecido.

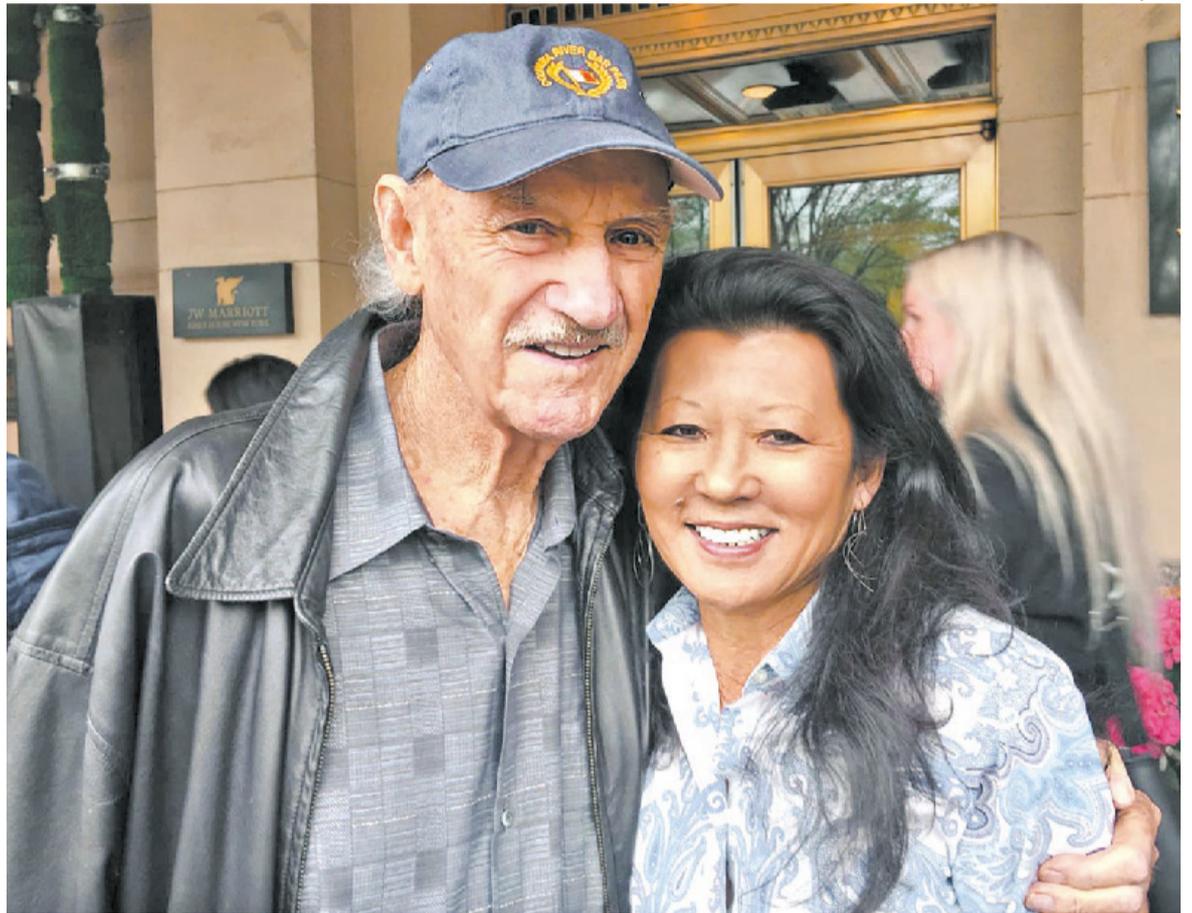
Apesar do cenário nos arredores, os técnicos consideraram a casa principal segura. Não foram identificados vestígios da

presença dos roedores na residência onde vivia o casal, e o local foi classificado como de baixo risco. Ainda assim, foi realizada uma análise para garantir a segurança de socorristas e familiares que estiveram no imóvel.

A hantavirose é considerada rara e não é transmitida de pessoa para pessoa. O risco maior está em ambientes fechados e mal ventilados, onde partículas contaminadas podem ser inaladas durante a limpeza ou manuseio de objetos com vestígios de roedores.

Segundo as autoridades, Betsy Arakawa pesquisou sobre sintomas de gripe e covid-19 antes de morrer. De acordo com o The New York Times, ela fez buscas como "A Covid pode causar tontura?" e "Gripe e sangramentos nasais" em 10 de fevereiro. No dia seguinte, ela cancelou uma sessão com a massagista e pediu cilindros de oxigênio.

A polícia do Condado de Santa Fé, nos Estados Unidos, divulgou nesta semana novas imagens da casa. O vídeo, obtido pelo Page Six a partir das câmeras corporais de alguns agentes, mostra diversos ambientes do imóvel com objetos espalhados, como caixas de transporte de cachorro, livros, roupas, frascos de remédio, itens de higiene e alimentos. Um dos policiais chega a comentar sobre o cheiro ao



ACERVO PESSOAL LESLIE HACKMAN/REPRODUÇÃO/JC

Gene Hackman e Betsy Arakawa foram encontrados mortos em sua residência no último dia 26 de fevereiro

entrar na casa.

No dia 7 de março, as autoridades revelaram que Betsy morreu pelos efeitos do hantavírus, que causa uma doença respiratória e está associado a fezes de roedores, aos 65 anos. A data estimada da morte da pianista é no dia 12 de fevereiro. Já Hackman,

de 95 anos, teria morrido uma semana depois, vítima de doença cardíaca. A médica legista chefe Heather Jarrel informou que a doença de Alzheimer foi um fator contribuinte para a morte do ator.

As mortes de Hackman e Arakawa foram consideradas como sendo de causas naturais,

mas a polícia de Santa Fé ainda não concluiu a investigação, com o objetivo de fazer uma linha do tempo com informações obtidas dos celulares coletados na casa. "O caso é considerado aberto até que tenhamos as informações necessárias", disse uma porta-voz à Associated Press.

Vencedora do Oscar, Cate Blanchett pensa 'seriamente' em se aposentar das telas

MARTIN KRAFT/WIKIMEDIA COMMONS/REPRODUÇÃO/JC



Cate Blanchett, atriz vencedora de dois Oscar, disse que pretende parar de atuar. "Minha família revira os olhos toda vez que digo isso, mas estou falando sério. Estou realmente decidida a parar de atuar. Existem muitas coisas que quero fazer na vida", disse ela em entrevista à rádio Times para a divulgação de sua primeira peça radiofônica, uma adaptação de *A Febre*, obra de Wallace Shawn.

De acordo com a Folhapress, a australiana é uma das

Atriz diz que deseja perseguir outras paixões e que nunca se sentiu confortável com a fama

protagonistas de *Father, Mother, Sister, Brother*, novo filme de Jim Jarmusch que deve ser lançado ainda neste ano, e foi confirmada também no elenco dos futuros longas *Alpha Gang*, de David e Nathan Zellner, e *The Champions*, de Ben Stiller.

Em 2023, Blanchett concorreu novamente ao Oscar de melhor atriz por *Tár*, dirigido por Todd Field. Na época, ela chegou a dizer que as dificuldades que enfrentou para dar vida à protagonista fizeram com que ela desejasse dar uma pausa na carreira de atriz.

"Sempre senti que estou à margem das coisas, então fico sempre surpresa quando sou

aceita em algum lugar. Entro em qualquer ambiente com curiosidade, sem esperar ser acolhida. Passei a vida aprendendo a lidar com a sensação de estar desconfortável", afirmou a atriz, sobre o desconforto com a vida de celebridade em Hollywood. "Ninguém me entedia mais do que eu mesma. Acho as outras pessoas muito mais interessantes. Me acho profundamente entediante."

Em 2014, Blanchett venceu o Oscar de melhor atriz por seu papel em *Blue Jasmine*, de Woody Allen. Antes disso, ela já tinha faturado uma estatueta de atriz coadjuvante pelo filme *O Aviador*, de 2005.